5as JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

QUE "NEGRO" É ESSE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS? UMA ANÁLISE SOBRE O JEREMIAS DE MAURÍCIO DE SOUSA

Elbert Agostinho

CEFET, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo iluminar práticas discursivas que aludem às identidades negras, no Brasil, tendo como ponto de observação o personagem negro Jeremias criado por Maurício de Sousa na década de 1960, e presente nas narrativas atuais da Turma da Mônica. A pesquisa propõe uma abordagem investigativa, observando narrativas nas quais o personagem aparece de forma mais efetiva, verificando que o personagem negro de Maurício de Sousa oscilou entre posições de coadjuvante, figurante, e protagonista temporário, sem assumir uma posição explícita e efetiva de denúncia do racismo e da promoção da igualdade racial. Para tal, observou-se a importância da utilização do dialogismo bakhtiniano, construindo assim, relações dialógicas entre os diferentes períodos em que o personagem este presente nas histórias em quadrinhos, observando os processos de construção, inserção e manutenção, tendo ainda como plano de fundo um debate sobre a presença da Indústria Cultural em todo o processo de construção imagética e representatividade, evidenciando também, a compreensão conceitual de Identidade Racial e suas implicações no Brasil. Em suma, Jeremias de Maurício de Sousa, apresenta-se como personagem negro que reflete nas páginas das histórias em quadrinhos todo um processo ligado a compreensão das relações raciais no Brasil e suas representações na mídia.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo; relações étnico-raciais; história em quadrinhos;

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as relações dialógicas implicadas no personagem Jeremias, de Maurício de Souza Produções. A razão de tal interesse de pesquisa se deve ao fato de que esse personagem negro criado por Maurício de Sousa em 1960, e ainda presente nas produções atuais da Turma da Mônica, permite ressaltar questões relativas às práticas discursivas que aludem às identidades negras, no Brasil.

No âmbito das ciências humanas e sociais, os estudos sobre Histórias em Quadrinhos (HQs) têm sido realizado de diferentes formas, por elas serem consideradas uma forma específica de literatura (EISNER, 2013), ou, eventualmente, um recurso

pedagógico (RAMOS, 2012). Nesse sentido, são caracterizadas pela interação de imagens (signo) e texto (discurso), e entendidas a partir de dados componentes sígnicos que forjam sua constituição estética (CIRNE, 1975). A leitura das HQs é marcada, portanto, pela funcionalidade de uma mensagem que estimula (e coordena) uma infinidade de significados, e se coloca como fonte de informação (ECO, 2004). Assim sendo, as Histórias em Quadrinhos implicam um tipo de leitura distinta, dotada de recursos próprios e exclusivos (MOYA; D'ASSUNÇÃO, 2002).

O ponto de interesse dessa temática, neste artigo, se estabelece em função da necessidade do enfrentamento do racismo na sociedade brasileira e da questão de a mídia majoritariamente negligenciar o processo de representação identitária do negro em suas práticas discursivas (MUNANGA, 1988). Dessa forma, a existência de um personagem negro – como Jeremias, de Maurício de Souza Produções – permite passar em revista, não só a relação dialógica entre diversos discursos que deram, ou não, visibilidade ao negro no Brasil, mas também valores e aspectos da identidade cultural que se formam mediante uma série de construções históricas (HALL, 2014).

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA DE ESTUDO

Neste artigo, optou-se por uma análise Bakhtiniana, porque "Jeremias" consiste em um personagem que faz parte de uma dada prática discursiva – representada pelas e nas HQs – aqui compreendida como eminentemente dialógica. Então, não foi o caso, cabe enfatizar, de se conceber a identidade negra de Jeremias como algo fixo, ou elemento essencializado pela intenção de um suposto autor: Maurício de Souza. Tal demanda seria equivocada, sobretudo porque quando se considera um personagem (ou os temas a ele vinculados) como sendo estático, acaba por fixar-se na mediação que uma pretensa materialidade do signo supostamente oferece, e assim perde o dado analítico que seria o mais importante: as mudanças de sentido capazes de mostrar as dinâmicas das transformações sociais. (CASTRO et. al., 2011).

O termo "dialogismo" (BAKHTIN, 2004), vale lembrar, designa um procedimento discursivo que reúne, absorve e reelabora as réplicas de outro. Partindo desse pressuposto, a metodologia utilizada, a partir de uma leitura flutuante das revistas de Maurício de Souza Produções, identificou narrativas onde o personagem Jeremias aparecia de forma mais efetiva, e selecionou um grupo específico de Histórias em Quadrinhos para serem analisadas, destacadas na tabela a seguir:

Título da história	**Local onde foi originalmente publicada**	**Data**
Na tentativa de um exercício analítico mais preciso, foram analisadas as histórias		
Um Rapaz do Outro Mundo	Revista Bidu nº 1. Ed. Continental	1960
Quem Conta um Conto	Revista Mônica nº 2. Ed. Abril	1970
O Príncipe que Veio da África	Revista Turma da Mônica nº 5 Ed. Globo	1987
Ser ou não ser? Jeremias, O Presidente da Turma	Revista Turma da Mônica Jovem nº 11 Ed. Panini Revista Cebolinha nº 30 Ed. Panini	2009

Tabela 1. Periodização

Tendo como referência esse material selecionado, a análise discursiva, da narrativa gráfica e da representação estética do personagem, considerou uma periodização estabelecida em função dos arranjos comerciais típicos da indústria cultural. Assim sendo, a "Era dos esboços" corresponde ao período de produção incipiente e os três primeiros anos de publicação de tirinhas nos jornais; o "Período Pré–Turma da Mônica" mostra a consolidação da produção das tirinhas e tem como elemento divisor o ano de 1970 (com o surgimento de revista em cores, Jeremias passou a ser desenhado como *blackface*); o "Período de consolidação da Turma da Mônica" contém as práticas discursivas resultantes do vínculo de Maurício de Souza com grandes editoras brasileiras; e o último período analisado decorre de seu contrato com uma grande editora internacional. As delimitações desses períodos, todavia, são arbitrárias e visam tão somente estabelecer linhas mestras de análise, sem qualquer preocupação rígida com marcos excludentes e fronteiriços.

A PRODUÇÃO DE MAURÍCIO DE SOUSA

A trajetória profissional de Maurício de Sousa no ramo dos quadrinhos começou em 1959, quando produziu uma série de tiras em quadrinhos com o cãozinho Bidu, e ofereceu seu material para os redatores do jornal "Folha de São Paulo" (GUSMAN, 2015). Suas tirinhas, inicialmente, eram baseadas nesse cãozinho e no personagem Franjinha, com o surgimento posterior de outros como Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, Horácio, Raposão, Astronauta, etc. A Editora Continental lançou, em 1960, as revistinhas "Bidu" e "Zaz Traz", reproduzindo essas tirinhas e as de outros desenhistas, mas que, com poucas vendas, duraram apenas poucas edições. Em 1963, ainda nas tiras de jornais, surgiu a "Mônica", que passou a ser a principal personagem do desenhista, ganhando uma revista com seu nome em 1970, com tiragem de 200 mil exemplares.

A "Mauricio de Sousa Produções Ltda" (estúdio responsável por produção de HQs, licenciamento de produtos e todos os demais projetos relacionados com personagens criados por Maurício e seus funcionários), ao longo desses anos manteve parcerias, visando a publicação de revistas, com a editora Abril (de 1970 até 1986), com a editora Globo (de 1986 até 2006), e com a Panini Comics (a partir de 2007). O personagem Jeremias, que apareceu pela primeira vez numa revista de 1960, publicada de forma incipiente pela Editora Continental, sofreu uma série de transformações no decorrer de todos esses períodos.

Era dos Esboços (1947- 1961)

O período entre 1947 e 1961 apresenta-se, portanto, como um recorte inicial, servindo como base para identificar os primeiros passos profissionais de Maurício de Sousa, já que foi o momento em que seus personagens foram surgindo. O ano de 1947 assinalou a ocasião de seu primeiro personagem, o Capitão Picolé, mas desenhado numa perspectiva artesanal e ainda amadora. Assim, do ponto de vista metodológico, as narrativas analisadas nesta periodização foram publicadas originalmente entre 1960 e 1961, sendo republicadas,

em 2015, na Obra “Coleção Histórica Maurício: As clássicas aventuras das revistas BIDU e ZAZ TRAZ!

Segundo os registros do livro “Coleção Histórica Maurício: As clássicas aventuras das revistas BIDU e ZAZ TRAZ!”, a primeira história em que Jeremias apareceu chamava-se “Um Rapaz do Outro Mundo”. A história, ainda com formato parecido com as tirinhas de jornal, tinha apenas duas palhetas de cor, entre o branco e o preto, e apresentava o personagem Franjinha comprando um capacete de Astronauta. Quando seus amigos o encontraram com o novo adereço, pediram-no emprestado. Franjinha, entretanto, não conseguia escutar nada, o capacete abafava sua audição, e seus amigos acreditaram que ele não queria emprestá-lo, fato que despertou a ira do grupo.

Jeremias foi bastante presente nessa narrativa, tendo diálogos próprios, e apresentando enunciados de maneira bastante interessante, pois pareceu ter ficado mais ofendido do que os outros pelo fato de Franjinha não ter emprestado o capacete de astronauta. Apesar de todos ficarem chateados com a situação, Jeremias foi o único que chamou Franjinha de “Gorduchão”, apelidando o suposto amigo. Num quadro adiante, Jeremias fez inclusive um tipo de ameaça a Franjinha, quando comentou: “Aquele cara está marcado comigo”.

Narrativas quadrinizadas tendem a estar envolvidas em três pilares: cotidiano, realidade e ficção (BARBOSA, 2009). Nesse sentido, as histórias em quadrinhos trabalham com a ficção, mas carregam em si todos os elementos que constatam a realidade, tanto no discurso da escrita, propriamente dita, quanto no discurso visual, que constroem um olhar cotidiano influenciado por estereótipos presentes nos ícones da cultura de massa.

Jeremias, nessa primeira periodização, fazia parte de um cenário social e dialogava com questões culturais. Suas primeiras aparições, ainda no momento em que os quadrinhos eram produzidos apenas em preto e branco, mostravam o personagem pintando de nanquim.

A presença de tal personagem negro no primeiro leque de personagens de Maurício de Sousa, entretanto, talvez reflita relações dialógicas onde outros coadjuvantes negros também se faziam presentes no mundo dos quadrinhos, caso de Lothar (criado em 1934, por Lee Falk) e Ébano White (criado em 1940, por Will Eisner), mas principalmente de Reco

Reco, Bolão e Azeitona (criados em 1931, por Luiz Sá), como se depreende particularmente da contra-capa da revista Zaz Traz, número 6, em que Jeremias aparece ao lado de outros dois meninos brancos, que não eram personagens de Maurício de Souza. Azeitona, Lothar e Ébano White, todos negros, foram frequentemente veiculados em HQs publicadas no Brasil (JUNIOR, 2004).

Período Pré –Turma da Mônica (1961 – 1970)

Esse período cognominado como "Pré-Turma", pode ser compreendido como a ocasião em que Maurício de Sousa começou a pavimentar seu caminho como ícone de Histórias em Quadrinhos no Brasil, tornando-se um caso ímpar na indústria cultural brasileira (RAMOS, 2012), o que lhe permitiu se posicionar, nos anos seguintes, em espaços distintos: As tirinhas em quadrinhos (publicadas nos jornais), as revistas de histórias em quadrinhos, a publicação de livros infantis e a produção de desenhos animados.

A partir de 1961, Jeremias se caracterizou dialogicamente dentro de um estereótipo conhecido como *blackface*, e essa é a razão pela qual, nesta análise, se diferenciou esse período do período anterior. Assim, a análise mantém o foco no início da formação empresarial da Maurício de Sousa Produções:

> "Fazer uma tira só pagava um salário mínimo, eu tava casado, eu falei: Preciso ganhar mais, então eu tirei o Cebolinha da história do Bidu e Franjinha e criei uma segunda tira, mas ai eu descobri que duas tiras também não tava dando aí pra feira, daí eu precisava fazer a terceira tira, criei o Piteco, o lado pré-histórico, mas daí não dava tempo de criar três tiras por dia, daí eu contratei um auxiliar pra me ajudar, daí pra pagar o auxiliar, eu precisava criar mais uma tira, e assim, foi indo, foi indo, foi indo, e eu fui sendo conduzido à necessidade de criar a equipe, administrar o esquema maior e buscar sustentabilidade na redistribuição, a utilização da mesma tira em diversos jornais [...] Quando eu comecei a pensar em aumentar a nossa produção em enfrentar a história em quadrinhos estrangeira, eu estudei quais os gêneros de história em quadrinho, dos que havia e que dominavam o mercado" (Depoimento de Maurício de Sousa à série "HQ Edição Especial", no canal HBO em julho de 2016).

A obra construída por Maurício de Sousa, portanto, apresentou relações dialógicas com o cenário cultural e mercadológico, e os personagens utilizados pelo autor,

reproduziram estereótipos os mais variados. Quando surgiu o Chico Bento, por exemplo, em 1960, o estereótipo de caipira já fazia parte do repertório cultural dos brasileiros, em função de personagens como “Jeca Tatu” (criado em 1914, por Monteiro Lobato), interpretado por Mazzaropi no cinema a partir de 1959.

Com Jeremias, o mesmo aconteceu, pois as HQs tendem a lidar com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. A interpretação dos desenhos depende de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma ideia, o que torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem, ou seja, em estereótipos (EISNER, 2013).

A questão aqui, entretanto, consiste em analisar os domínios dialógicos dos estereótipos configurados no Jeremias. Se, como negro, foi desenhado de certa forma e de acordo com certo padrão, com o que está dialogando? Nesse sentido, deve-se questionar determinados esquemas estéticos atribuídos ao Jeremias, pois a partir de dada representação pode-se influenciar o leitor, fazendo com que ele enxergue a todos os negros da mesma forma como estão sendo desenhados nos quadrinhos. Afinal de contas, frequentemente os negros e as tradições de comunidades negras são representados na indústria cultural sob forma deformada (HALL, 2014).

Nas tirinhas que faziam partes dos jornais, publicadas por Maurício de Sousa entre 1961 e 1970, verifica-se um conteúdo que dialogava de maneira mais particular com os acontecimentos sócio-culturais do período, sendo possível encontrar referências a episódios como conflitos no Vietnã, Jovem Guarda, Tropicalismo e Super-Heróis. O material desse período pode ser encontrado em "As Tiras Clássicas da Turma da Mônica", uma coleção da Editora Panini, lançada em 2007, que compilou as tiras que saíram no jornal "Folha de são Paulo" em ordem cronológica, desde os primórdios dos anos 1960. Dessa forma, foram analisadas 6 edições que datam de 1960-1970, e em duas delas há a utilização de personagens negros na narrativa.

Numa tirinha, Cebolinha está tocando samba, e impressiona Cascão, que comenta: “Puxa, Cebolinha! Como você consegue batucar tão bacana assim numa caixa de fósforo?”. Cebolinha, então, mostra a Cascão o grande segredo: Dois personagens negros de tamanho

diminuto estavam escondidos dentro da caixinha de fósforo. Nesse caso, Cebolinha sabia tocar bem, porque utilizava o talento dos negros sambistas.

Numa outra tirinha, Cebolinha questionou Mônica em função dela ter falado que ele tinha medo do escuro. Mônica chamou Tião, no quadro seguinte, que representava o "escuro" (o personagem era adulto, forte e negro) e Mônica ainda comentou que Cebolinha estava falando mal dele. No último quadro, a expressão de Cebolinha é de medo, ao ver Tião chegar.

Nessas duas tirinhas, há estereótipos racistas típicos do negro na indústria cultural: o negro foi representado, ou em função da musicalidade do samba, ou da violência e da força bruta. Nota-se também, nessas tirinhas, que o personagem negro não era totalmente pintado de nanquim, como nas aparições de Jeremias, mas sim com riscos no rosto que identificavam sua face mais escura.

Convém destacar, portanto, que as narrativas sobre negros produzidas por Maurício de Sousa, nesse período, estavam permeadas de estereótipos racistas. Numa perspectiva dialógica, todavia, as mudanças de estereótipos no personagem Jeremias podem ser claramente verificadas nessa periodização, principalmente porque a história "Quem conta um conto", publicada originalmente em 1961, foi posteriormente republicada em cores em 1970, na Revista Mônica nº 2, permitindo a análise das alterações feitas no personagem entre as duas edições.

Como a história permaneceu basicamente a mesma, alterando-se apenas as cores, dialogicamente, há de se perguntar: Se a palheta de cores tinha aumentado, porque Jeremias continuou sendo pintado de nanquim? A representação de Jeremias nessa nova publicação de 1970 – onde o personagem apresentou a boca construída esteticamente de maneira a exagerar a vermelhidão nos lábios – passou a manter relações dialógicas com a estética conhecida como "*blackface*", designação inicialmente dada para a caracterização de personagens do teatro com estereótipos racistas atribuídos aos negros.

Os *blackfaces* surgiram no começo do século XIX nos Estados Unidos, como uma das atrações dos shows de menestréis que eram bastante populares naquela época. Tratava-se de uma técnica de maquiagem teatral na qual atores brancos se coloriam com carvão de

cortiça para representarem personagens negros de modo paródico e caricato. Tal caracterização, posteriormente, também se tornou o estereótipo jocoso da negritude nos desenhos humorísticos e nos quadrinhos americanos, mantendo dialogismos racistas sobre os negros, em diversas práticas discursivas que satirizavam seu modo de vestir, suas maneiras e seu suposto linguajar incorreto (CHINEN, 2013).

PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO DA TURMA DA MÔNICA (1970 – 2008)

Nessa nova periodização, maior que os recortes das duas fases anteriores, o destaque deve ser dado para a ampliação dos personagens da turma da Mônica, razão pela qual Jeremias – que experimentou gradativamente uma mudança estética do nanquim para a representação em marrom – passou a aparecer cada vez menos, principalmente na década de 70, passando a figurar como personagem secundário ou terciário.

Ainda que as tirinhas tenham continuado nos jornais, em 1970 foi criada a "Revista da Mônica", e assim, ao longo da década, surgiu um cenário narrativo específico, chamado "Bairro do Limoeiro", opção discursiva na qual os personagens principais ganharam família e casa, havendo clara delimitação entre os personagens principais e os secundários. Com o sucesso, Maurício de Souza conquistou um "Yellow Kid", o Oscar das Histórias em Quadrinhos, em 1971 (IAONNE, 1994), e a partir de sua própria agência, o autor ultrapassou os obstáculos enfrentados pelos quadrinistas brasileiros e passou a competir com êxito diante das histórias em quadrinhos estrangeiras.

Há muitos estudos sobre esse período da Turma da Mônica (CIRNE, 1982; VERGUEIRO, 1999; RAMOS, 2012), mas o objetivo deste artigo implica foco em Jeremias, especificamente. Assim sendo, há um dado contextual que precisa ser ressaltado, inclusive porque talvez seja o responsável por uma série de modificações experimentadas pelo personagem. De fato, nas décadas de 1980 e 1990, por conta de uma intensificação nas

ações do Movimento Negro, a questão da negritude entrou em pauta no horizonte cultural, assim como a discussão sobre as ações afirmativas. Nesse cenário, alguns começaram a questionar a maneira como o negro era representado na mídia. E é justamente esse tipo de debate que explica, por exemplo, porque em uma entrevista concedida ao programa Roda Viva, exibido em 9 de outubro de 1989, Maurício de Sousa chegou a ser questionado: E na Turma da Mônica não existe negro?

> "Não tem? Tem sim. É o Jeremias, personagem criado em 1960, que durante... por muito tempo foi o único menino negro da turma. Usa sempre um boné que foi de seu avô, para esconder a falta de cabelo, embora todos saibam disso... Não faço diferença de cor de personagem, porque todos eles funcionam da mesma maneira nas historinhas" (Entrevista de Maurício de Sousa ao programa Roda Viva, exibido em 9 de outubro de 1989.)

Tal dinâmica de reinvindicação de uma história e ancestralidade afro-brasileira, incluía também a demanda pela eliminação de vários livros didáticos em que os negros apareciam de forma estereotipada, ou seja, representados como subservientes, racialmente inferiores, ou com características negativas (SANTOS, 2005). Aspectos que evidentemente não passavam desapercebidos pela indústria cultural brasileira. Assim, a partir desse cenário dialógico, é que surgiu a primeira história em que o personagem Jeremias era o protagonista, na Revista Turma da Mônica nº 5 de 1987, sob o título "O Príncipe que veio da África".

Na narrativa, Jeremias foi retratado como sendo "Jeremim", um príncipe de uma família real, esbelto e corajoso, conhecedor das selvas africanas, cobiçado pelas meninas de sua idade, e que aproveitava bastante a liberdade. Seu principado, contudo, durou apenas uma página (das sete páginas do total da história). A narrativa, na sequência, mostrou que os negros foram vendidos e transportados em navios para longe da África, experimentando grande sofrimento no período escravista. Num dado trecho, há também momentos de resistência dos escravizados, quando Jeremim livrou seus amigos do cativeiro, escondendo-se na floresta. Por fim, a liberdade foi concedida aos negros, com a princesa Isabel sendo desenhada, mas não citada explicitamente. Nos últimos quadrinhos, o enquadramento muda

e o leitor pode então perceber que era o avô de Jeremias que lhe contava essa história acerca de Jeremim, seu tataravô.

Após ouvir a história ancestral, Jeremias foi jogar bola com seus amigos e, ao apresentar muita habilidade e talento, foi observado por um agente de futebol, que ficou impressionado e desejou contratar o garoto: "Quero comprar você! Quanto custa?" Jeremias interpretou a indagação do empresário relacionando-a com o contexto de escravidão. O quadro final da história apresentou o agente de futebol tonto no chão, como se tivesse tomado uma bolada, ou soco, de Jeremias. Aparentemente, o personagem negro não conseguiu diferenciar o contexto escravocrata da compra do passe de um jogador de futebol, fazendo com que seu colega Cascão também apresentasse um olhar de espanto.

A história apresenta evidentes relações dialógicas com o discurso de afirmação da ancestralidade afro-descendente, mas não consegue romper com práticas discursivas de viés racista ou reacionário. Apesar de o negro ser protagonista, toda a condução do personagem é feita pelo narrador, e Jeremias, se passando por "Jeremim", tem poucas falas. Os negros foram representados como elementos passivos de uma libertação concedida unilateralmente, e a compra de pessoas tida como algo banalizável. Além disso, existem diferenças estéticas significativas entre o príncipe Jeremim e Jeremias, pois nos quadros em que o personagem é retratado como o príncipe, é apresentado com lábios; mas quando aparece como Jeremias, é desenhado com círculo rosado na boca, estética ainda próxima do *blackface*.

PERÍODO PÓS-TURMA (a partir de 2007)

Conforme acertado, em julho de 2006, entre Maurício de Sousa Produções e Panini Comics, essa editora italiana passou a publicar a Turma da Mônica a partir de 1 de janeiro de 2007, quando o contrato assinado no ano anterior entrou em vigor. Com a nova parceria, outras mudanças ocorreram, com o lançamento de produtos inéditos, inclusive a "Turma da Mônica Jovem" (revista com os personagens adolescentes) que passou a se diferenciar da tradicional "Turma da Mônica".

Nessa nova revista, na qual ocorreu expressiva mudança no perfil dos personagens, a estética se aproximou do estilo *mangá* (marca do quadrinho japonês), gênero muito popular entre a faixa etária adolescente, a fim de se inserir os produtos de Maurício de Souza Produções em um tipo diferente de nicho de mercado (Ramos, 2012). O jovem Jeremias passou, então, a ser representado totalmente remodelado, se diferenciando das versões analisadas anteriormente.

Em evidente dialogismo com as práticas discursivas que caracterizam o "*street style*" advindo da cultura "*hip hop"*, o personagem negro passou a ser desenhado em roupas estilosas e com um boné azul (em oposição ao boné vermelho usado em revistas da Turma da Mônica clássica). No entanto, apesar das significativas alterações em torno do personagem, suas participações nas narrativas continuaram esparsas. Numa história de 2009, "Ser ou não ser?", onde o personagem faz parte do time de futebol do colégio, o narrador chegou a dizer – como, aliás, é típico da metalinguagem característica dos quadrinhos japoneses – que Jeremias mal aparecera na história até aquele momento.

Em que pese o absoluto sucesso de vendas da revista "Turma da Mônica Jovem", ensejada pela nova parceria comercial, a clássica "Turma da Mônica" continuou a ser publicada e uma interessante relação dialógica envolvendo o personagem Jeremias pode ser vista, nesse período, em função de, em 2009, Barack Obama ter se tornado o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Isso porque na história "Jeremias, presidente da turma", o personagem se envolveu efetivamente numa disputa eleitoral.

Dentre os concorrentes à presidência do clubinho, Jeremias tinha como candidato de oposição Cebolinha, mas com um discurso diferenciado, o personagem negro convenceu os demais eleitores e venceu a eleição. Nas palavras de Jeremias: "Sonho que se sonha só é um sonho igual, mas sonho que se sonha junto vira uma coisa real". O tom geral do sentido da narrativa tende a situar o protagonismo negro como legítimo, dentro da meta-narrativa midiática que transformou o candidato do partido democrata americano em celebridade, mas sem maior densidade. O processo eleitoral e as referências à palavra "sonho", marcaram respectivamente relações dialógicas com Obama e Martin Luther King Jr. (cujo sermão mais famoso começara com a frase "eu tenho um sonho"), porém não houve na

historinha qualquer relevante problematização de fundo, nem sobre o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, nem acerca de qualquer discussão do racismo como elemento estruturante da formação do Brasil.

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, foi analisar as relações dialógicas implicadas num dado personagem de HQs – Jeremias, criado por Maurício de Souza, em 1960. O pressuposto da investigação foi que as HQ's não podem ser compreendidas independentemente do dialogismo das, e nas, práticas discursivas e valores ideológicos que elas aludem, mesmo tendo como foco específico de estudo a questão do racismo no Brasil. Nesse sentido, considerou-se que a construção de uma narrativa por parte da indústria cultural dialoga com a estrutura social, o que faz com que uma representação de um personagem jamais pode ser compreendida de forma fixa e essencializada, pois sua significação torna-se inseparável da situação concreta em que se realiza. Assim, consequentemente, numa sociedade em transformação, nenhuma representação pode permanecer estável em processos de mudança. O que há, portanto, em relação a Jeremias e ao negro brasileiro, são representações cambiantes de identidades igualmente provisórias.

Desse modo, ao se analisar algumas histórias representativas de quatro periodizações distintas, verificou-se nuances racistas, representações que podem ser parcialmente consideradas positivas, estereótipos e até processos de invisibilidade social do negro, onde o personagem não tinha voz, ou simplesmente desaparecia da narrativa. A identidade de Jeremias manteve dialogismos perceptíveis com os cenários sócio-políticos, pois se *blackfaces* não seriam palatáveis nos anos 2000, histórias de eleições de negros não seriam igualmente aceitas no período da ditadura civil-militar.

O que se constatou foi que o personagem negro de Maurício de Souza Produções oscilou entre o coadjuvante, o figurante, e o protagonista temporário, sem assumir, em nenhum momento uma instrumentalidade explicita e efetiva de denúncia do racismo e da promoção da igualdade racial.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. 1903-1969. Indústria Cultural e Sociedade. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. 9ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BARBOSA, Alexandre. História e Quadrinhos: A coexistência da ficção e da realidade. In: Muito Além dos Quadrinhos: análise e reflexões sobre a nona arte. Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, (org). São Paulo – Devir, 2009.

BAKHTIN, M. (2004). Marxismo e filosofia da linguagem. (M. Lahud e Y. F. Vieira, Trad.). (11a ed.). São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1929).

CASTRO, A. C. (2005). Olhai os delírios no conto: análise dos temas psicológicos nos contos de Machado de Assis. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CASTRO et. al., Proposição bakhtiniana para análise da produção em psicologia. Psicologia em Estudo (Impresso), v. 16, p. 91-99, 2011.

CHINEN, Nobuyoshi. O Papel do Negro e o Negro no Papel – Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2013.

CIRNE, Moacy. Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis, Vozes, 1975.

EISNER, Will. Narrativas Gráficas. Tradução: Leandro Luigi. 3ª ed. São Paulo: Devir, 2013.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro Lamparina, 2014.

IANNONE, Leila Rentroia e IANNONE, Roberto Antonio. O mundo das Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Moderna, 1994.

JUNIOR, Gonçalo. A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LUYTEN, Sonia Bibe (org). História em quadrinhos: leitura crítica. São Paulo: Edições Paulinas. 1984.

MOYA, Álvaro de; D'ASSUNÇÃO, Otacílio. Edições maravilhosas: as adaptações literárias em quadrinhos. In: CIRNE, Moacy *et al*. *Literatura em quadrinhos no Brasil*: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

MUNANGA, Kabengele. NEGRITUDE - Usos e Sentidos. Editora Ática. Série Princípios. 2ª edição. 1988.

SANTOS, Manuela Amélia dos. ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO DE POSSE DO PRESIDENTE BARACK OBAMA: UMA ABORDAGEM À TRADUÇÃO DE METÁFORAS, Universidade do Sagrado Coração, Pôster – Pesquisa Concluída. Bauru/SP 2015

SOUSA, Maurício. Coleção Histórica Maurício. Barueri, Sp: Panini Books, 2015.

RAMOS, Paulo: Revolução do Gibi: A nova cara dos quadrinhos no Brasil. São Paulo: Devir, 2012.

VERGUEIRO, W. C. S.. A odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros. Agaquê, v. 2, n.2, 1999.

Entrevista de Maurício de Sousa ao programa Roda Viva, exibido em 9 de outubro de 1989.

Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/661/entrevistados/mauricio_de_sousa_1989.htm

Acesso em Setembro de 2016.